

**VERBOS DE COMUNICAÇÃO  
OU CONSTRUÇÕES DE COMUNICAÇÃO?  
UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA NOÇÃO DE VALÊNCIA VERBAL**

Marcella Monteiro Lemos Couto (UFMG)

[mar.mlcouto@gmail.com](mailto:mar.mlcouto@gmail.com)

Mário Alberto Perini (UFMG)

**RESUMO**

Nesta pesquisa é feito o levantamento e análise sistemáticos, de forma descritiva, da valência verbal de verbos classificados na literatura como verbos *de comunicação*, *de dizer* ou *dicendi*. O objetivo desta investigação é explicitar o que é adequado: classificar o verbo ou a construção como *de comunicação*. Parte-se da perspectiva de que os verbos determinam as estruturas das orações e que o conjunto das possíveis construções de um verbo revela sua valência verbal. Na descrição da valência verbal são apresentadas as características sintáticas e semânticas dos complementos oracionais em construções possíveis do verbo.

**Palavras-chave:** Verbo. Valência verbal. Verbo de comunicação. Verbo *dicendi*.

**1. Introdução**

Este estudo tem como tema central os verbos de comunicação, também chamados de verbos *dicendi* ou verbos *de dizer*. Em pesquisas sobre o conceito de verbos *dicendi*, raramente foram encontradas definições desses termos. Geralmente, usa-se o rótulo seguido de uma lista de verbos que seriam classificados sob essa terminologia.

O conceito de verbo *dicendi* pode ser definido como “verbo de dizer”. Maria da Graça Costa Val e Martha Lourenço Vieira (2005, p. 18) definem verbos *dicendi* como sendo aqueles que, “referenciam uma elocução, ou seja, indicam uma fala. São exemplos: *falar, dizer, afirmar, garantir, perguntar, responder, retrucar, contar, explicar, relatar, confessar, admitir* etc.”. Já no dicionário literário online *Papel en Blanco*, o significado se apresenta como:

Chamamos verbos *dicendi* as formas verbais que designam ações de comunicação linguística (como disse ou respondeu) ou que expressam crenças, reflexão, emoção (como pensou, lamentou, protestou) que servem para intro-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

duzir a voz do personagem. Em alguns estudos linguísticos também são conhecidos como verbos declarativos”. (Tradução nossa)<sup>18</sup>

Beth Levin (1993) separa os verbos em diferentes categorias semânticas com listas de possíveis sentenças e alternâncias. Para os que ela chama de *verbos de comunicação* e de *transferência de ideias*, a autora apresenta algumas categorias como:

- a) verbos de transferência de mensagem;
- b) verbos de maneira de falar;
- c) verbos de instrumento de comunicação;
- d) verbos de conversação.

Já segundo Othon Moacyr Garcia (2006), os verbos *dicendi* ou de elocução pertencem a nove áreas semânticas:

- a) de dizer (*afirmar, declarar*);
- b) de perguntar (*indagar, interrogar*);
- c) de responder (*retrucar, replicar*);
- d) de contestar (*negar, objetar*);
- e) de concordar (*assentir, anuir*);
- f) de exclamar (*gritar, bradar*);
- g) de pedir (*solicitar, rogar*);
- h) de exortar (*animar, aconselhar*);
- i) de ordenar (*mandar, determinar*).

O autor conclui que os verbos apresentados são os mais comuns, mas existem outros na língua.

Este trabalho vai analisar os verbos classificados como *dicendi*, através de uma perspectiva descritiva dos dados.

---

<sup>18</sup> Llamamos *verba dicendi* (o *verbum dicendi*) a las formas verbales que designan acciones de comunicación lingüística (como 'dijo', 'respondió' o 'contestó') o que expresan creencia, reflexión o emoción (como 'pensó', 'lamentó', 'protestó'...) que sirven para introducir la voz del personaje. En algunos estudios lingüísticos también son conocidos como *verbos declarativos*. <<http://www.papelenblanco.com/diccionario-literario/diccionario-literario-verba-dicendi>>. Acesso em: 03-07-2015

O trabalho descritivo tem como principal objetivo a apresentação e sistematização dos fatos da língua, de maneira a criar uma base de dados que seja útil e não apenas a profissionais interessados na língua que está sendo descrita, mas também a linguistas teóricos preocupados com a validação empírica de suas hipóteses. (PERINI, 2008, p. 233)

A título de conceituação de termos importantes, *construção* é, principalmente, uma representação esquemática que pode se realizar em frases e sintagmas. Cada construção se compõe de uma representação sintática associada a uma estrutura de significado que, para nossos objetivos, se reduz a papéis semânticos de cada constituinte.

David E. Rumelhart e Andrew Ortony (1976) dizem que pessoas não constroem o pensamento como gravações de áudio ou de vídeo; elas processam e reprocessam informações para estruturar o conhecimento. Parte desse conhecimento parece ser uma forma de uma memória específica de eventos particulares que experimentamos. Os esquemas são estruturas de dados que representam conceitos genéricos estocados na memória. Um esquema contém também, como parte de suas especificações, informações sobre o tipo de objetos que podem fazer parte, dentro do limite de variedades, do esquema. A ideia é simples, cada verbo ativa em nossa mente um esquema, então, na construção:

**(1) Ana bateu o carro**

O verbo *bater* ativa um esquema mental de um “batedor” e um “batido” – também existe um lugar e um tempo em que a ação ocorre, mas isso não será necessário na descrição, basicamente porque, tudo ocorre em um tempo e um lugar, então parece que, para a frase ficar compreensível não é obrigatório expressar essas informações. Como em

**(2) João morreu.**

Para o verbo *morrer* existe somente algo “morto”. Então a frase (1) ocorre somente em construções transitivas com sujeito Agente, enquanto a (2) exemplifica a construção ergativa, com sujeito Paciente e sem objeto e Agente. Essas construções se caracterizam por não ocorrerem com todo e qualquer verbo – por conseguinte, subclassificam os verbos que ocorrem nelas. Poder ocorrer na construção transitiva é algo que distingue *bater* de *morrer*, por exemplo. Construções que possuem essa propriedade de subclassificar os verbos são denominadas *diáteses*.

A valência de um verbo é conjunto de construções que ele pode ocorrer, isto é, um conjunto de diáteses. Recapitulando, toda diátese é uma construção, mas nem toda construção é uma diátese. (PERINI,

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

2008). Por exemplo, a construção negativa, que distingue (2) de (3), não é uma diátese porque vale para todos os verbos da língua:

**(3) João não morreu.**

O trabalho será descritivo. Leva-se em conta que, antes de construir uma teoria que dê conta dos fatos da língua, precisamos levantar e sistematizar os dados linguísticos. Essa é a orientação principal da presente pesquisa. Isso não quer dizer que se possa dispensar de todo pressupostos teóricos, mas estes são mantidos no mínimo, e cuidadosamente definidos quando usados.

## **2. *Perspectiva teórica***

Um trabalho descritivo que é uma importante fonte de dados para este projeto é o de Beth Levin (1993). A autora analisa aproximadamente três mil verbos, separando-os em classes semânticas de acordo com seus comportamentos sintáticos e semânticos. Segundo Beth Levin (1993), os verbos de uma mesma categoria semântica tendem a ter grandes semelhanças de valências.

Se o comportamento distintivo das classes de verbos em relação às alternâncias de diáteses decorre de seu significado, qualquer classe de verbos cujos membros funcionam paralelamente quanto às alternâncias de diáteses deve ser uma classe semanticamente coerente: seus membros devem compartilhar pelo menos algum aspecto de seu significado. (LEVIN, 1993, p. 14, tradução livre)

Diferentemente do trabalho de Beth Levin, o VVP apresenta maior detalhamento na descrição dos dados, o que tem revelado uma variedade muito maior do que a esperada nas valências de verbos semanticamente semelhantes. Parte do detalhamento da descrição de dados adotado no VVP é a utilização de *papéis semânticos* dos sintagmas na subclassificação dos verbos. Os papéis semânticos expressam as relações semânticas entre o verbo e seus complementos. Estudos sobre papéis semânticos ou papéis temáticos não são consensuais em relação as suas especificidades<sup>19</sup>. Não há também em Beth Levin (1993) um vasto estudo descritivo sistemático dos papéis semânticos que ocorrem em cada construção. Por exemplo em

**(4) Susan sussurrou.**

---

<sup>19</sup> Conferir Halliday (1967), Chafe (1970), Fillmore (1971, *apud* PALMER 1972/1975), Perini (2006, 2008), Cançado (2013).

*Susan whispered.*

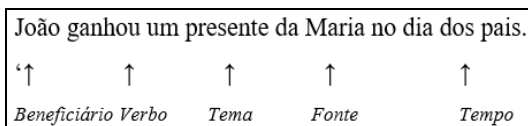
A autora apenas define que este é um verbo de *maneira de falar*. Ao acrescentar o conteúdo da mensagem, teremos uma diátese de comunicação. Por exemplo:

(5) *Susan sussurrou o assunto para Ellen.*

Ao analisar (5) através de papéis semânticos, teremos *Susan* como Agente da ação; *o assunto* como mensagem; e *para Ellen* como meta. Essa construção representa uma diátese de comunicação, justamente por ter um conteúdo sendo transmitido.

Adele Eva Goldberg (1995) questiona a ideia de composicionalidade e explora as relações entre o significado da construção e o significado de suas partes. Segundo ela, as *construções* devem ser analisadas levando em conta tanto as generalizações mais amplas, como os formalistas, como também os padrões mais limitados, chegando a considerar morfemas como construções. A autora também enfatiza o papel das construções como o pareamento de forma e função. Em seus estudos, ela foca nas *construções de estrutura argumental*, que são sentenças compostas por um verbo e seus argumentos – essas são justamente as construções que nos interessam aqui.

A análise das construções, segundo Adele Eva Goldberg, distingue *papéis argumentais* de *papéis participantes*. Os papéis argumentais são associados ao verbo e os papéis participantes são previstos pela construção e não necessariamente pelo verbo. Por exemplo, o verbo *ganhar* ativa o *esquema* dos papéis participantes: *Beneficiário* e *Tema*, mas em:



Nesse caso, o papel temático tempo não faz parte do papel argumental do verbo, mas sim da construção, porque *no dia dos pais* só pode indicar tempo, logo o papel semântico não depende do verbo. Na visão de Mário Alberto Perini (2015), ele seria periférico e não consta na formulação da diátese, porque, nem sua forma nem seu papel semântico dependem do verbo da oração.

Adele Eva Goldberg (2006) analisa a seguinte frase:

(6) *Bill sent his girlfriend a cake.*

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

como

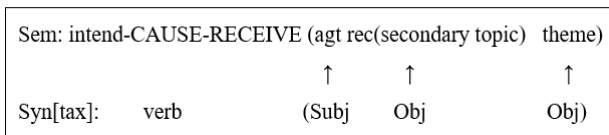


Figura 1 – Construção de Movimento Causado. (GOLDBERG, 2006, p. 20)

Note que a autora se preocupa com a semântica do verbo também. Esse componente, que obviamente é importante, no entanto não tem relevância para a descrição das valências verbais: dois verbos de significado bem distinto podem ter a mesma valência (por exemplo, *esfriar* e *cor-tar*, verbos que ocorrem ambos nas construções transitiva e ergativa).

Francisco da Silva Borba (1996) em *Uma gramática de valências para o português* – um dos poucos estudos sobre valências verbais no Brasil - realizou um exaustivo levantamento de dados para estudos de valência verbais. Entretanto, o autor não faz uma análise aprofundada nem estabelece sistematicamente os princípios de sua notação. A obra é um ponto de partida para estudos descritivos, já que conta com aproximadamente 6 mil verbos selecionados de acordo com sua frequência, mas a análise mais detalhada e teoricamente motivada precisa ainda ser realizada. Um dos problemas é que Francisco da Silva Borba utiliza, sem crítica, a análise sintática tradicional, que é teoricamente insustentável.

No presente resumo, e na pesquisa que se seguirá, adoto uma análise sintática maximamente simples, exposta em Mário Alberto Perini (2008, 2015).

### 3. Metodologia

Será fonte de dados para análise desta pesquisa o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo* de Francisco da Silva Borba (1990) além de dados da intuição e de observação informal. Para garantir a aceitabilidade das sentenças, a ferramenta da intuição será imprescindível. É importante justificar o emprego da intuição: aqui utilizada como ferramenta metodológica adotada para aferir aceitabilidade ou inaceitabilidade das sentenças.

Cada metodologia tem um perfil diferente, mas só a introspecção tem acesso exclusivo ao significado. Para qualquer estudo que envolva

semântica, a introspecção é um instrumento indispensável (TALMY, 2005)

Mark Davies e Ana Maria Raposo Preto-Bay (2008) listaram os verbos de comunicação em ordem de frequência como mostra a tabela abaixo:

<b>Verbs of communication</b>		
dizer 34 to say, tell	comentar 1213 to comment	debater 2632 to debate, discuss
falar 95 to speak, talk	comunicar 1382 to communicate	queixar 2671 to complain
chamar 118 to call	descrever 1403 to describe	protestar 2759 to protest
contar 201 to tell, count	criticar 1536 to criticize	argumentar 2762 to argue
explicar 352 to explain	reclamar 1558 to complain	articular 2893 to articulate
responder 416 to answer	esclarecer 1650 to clear up, clarify	expressar 2913 to express
afirmar 511 to affirm	denunciar 1733 to denounce	questionar 2950 to question
discutir 518 to discuss, dispute	disputar 1792 to compete, dispute	agradecer 2983 to thank
propor 716 to propose	divulgar 2011 to make known	proclamar 3478 to proclaim
admitir 739 to admit	pronunciar 2077 to pronounce	mencionar 3598 to mention
indicar 742 to indicate	recomendar 2136 to recommend	rezar 3664 to pray
anunciar 898 to announce	pregar 2285 to preach (also, to nail)	ditar 3926 to dictate
perguntar 906 to ask (a question)	confessar 2364 to confess	advertir 4021 to warn
citar 916 to cite, quote	relatar 2395 to tell, relate	alertar 4130 to alert, warn
acusar 1035 to accuse	alegar 2550 to allege	elogiar 4151 to praise
declarar 1134 to declare	aconselhar 2602 to counsel	invocar 4210 to invoke
conversar 1144 to converse, talk	gritar 2630 to yell, shout	exagerar 5144 to exaggerate
prometer 1207 to promise		

**Tabela 1 – Lista de frequência dos verbos de comunicação com a posição do ranking de frequência. (DAVIS & PRETO-BAY, 2008, p. 175.**

Na tabela estão representados todos os verbos da lista de Mark Davies e Ana Maria Raposo Preto-Bay que podem ocorrer em construções de comunicação.

Para a formulação das diáteses usaremos a formulação de construções adotada por Adele Eva Goldberg (1995) com algumas modificações propostas por Mário Alberto Perini (2008). Informações que não interessam à valência verbal são excluídas e a notação para a frase seguinte ficaria:

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

**(6) Bill sent his girlfriend a cake**

Sem[antics]		agt	rec	theme
Syn[tax]	verb	↑ Subj	↑ Obj	↑ Obj

**Figura 2. Notação de Perini (2008)**

Tanto a notação de Adele Eva Goldberg (1995) quanto a de Mário Alberto Perini (2008) são simbólicas, ou seja, incluem informação sintática e semântica, devidamente relacionadas. No entanto, Mário Alberto Perini opta por não colocar o significado do verbo e se limita a consignar os papéis semânticos, por acreditar que somente isso é suficiente para efeitos de descrição da valência.

#### **4. Apresentação do problema**

Abaixo, apresenta-se uma análise prévia e algumas construções dos três verbos de comunicação mais frequentes segundo a tabela 1: *dizer*, *falar* e *chamar* e os problemas que surgem ao se categorizar os verbos como *dicendi*.

(7) **Você disse uma grande verdade.**

(8) **Ela dizia *rúbrica* em vez de *rubrica*.**

Note que no exemplo (7) com o verbo *dizer* há um *conteúdo de mensagem* sendo transmitido pelo sintagma: *uma grande verdade*. O exemplo (8) é sobre a *maneira* como *Ela* diz determinada palavra, esse é um caso de papel semântico Modo e não há um conteúdo de transmissão de mensagem.

Nossa definição de construção de comunicação é, portanto aquela que inclui uma ocorrência de complemento com o papel semântico mensagem, exprimindo a informação que é transmitida do emissor ao receptor. Para qualquer estudo que envolva semântica, a introspecção é um instrumento indispensável.

Um exemplo claro de maneira de falar é:

(9) ***Essa professora fala muito.***

(10) ***A Agnes falou em alemão.***

Ao contrário de:

(11) ***Nivia fala espanhol.***



Em (10) *Agnes* poderia ter falado qualquer coisa, mas essa “qualquer coisa” foi falada no idioma alemão, novamente, uma maneira de falar, como em (9) através do modificador *muito* está sendo expressa uma maneira de *a professora* falar. Em (11) o SN *espanhol* se refere a algo que *Nivia* sabe e não à mensagem que está sendo transmitida. Note que, até o momento, as frases analisadas não dizem respeito somente à transmissão de mensagem, o que faz com que não seja adequado classificar os verbos, nesse contexto, como sendo *de transmissão de mensagem*.

(12) *Eles falaram toda a verdade.*

(13) *O povo está falando de você.*

(14) *Ela só falava de dinheiro com o marido.*

Em (12), (13) e (14), as sentenças apresentam o conteúdo da mensagem transmitida através dos SNs *toda verdade*, *de você* e *de dinheiro*. Aqui temos exemplos claros de quando a diátese será de comunicação.

Algumas construções, com os mesmos verbos, são semelhantes sob o ponto de vista da sintaxe. Entretanto, a semântica difere entre elas e isso é extremamente relevante para a análise.

Beth Levin (1993) apresenta exemplos com o verbo *to talk*; traduzindo, temos:

(15) **Ellen falou/conversou para/com Helen sobre o problema.**

*Ellen talked to Helen about the problem.*

Mas a autora não trata de exemplos como:

(16) **John fala com sotaque.**

Que certamente diz algo sobre o modo de falar de John não informando nenhum conteúdo de mensagem transmitida.

O verbo *chutar* evoca um esquema mental de alguém chutando algo, como em:

(17) **Luiz chutou a bola.**

(18) **Luiz chutou uma resposta na prova oral.**

(19) **Luiz chutou o resultado do jogo.**

Mas em (18) e (19), o *chutar* juntamente com seus complementos, apresenta uma construção de comunicação e isso se deve essencialmente à atribuição do papel temático mensagem.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Como o conceito de verbo *dicendi* é mal delimitado na literatura, e percebemos que esses verbos podem ocorrer em construções que nada têm a ver com comunicação, então se faz necessário delimitá-lo e conceituá-lo. Para efeitos do trabalho não existem verbos *dicendi* e sim *diáteses de comunicação* ou *diáteses dicendi*. Essas requerem a presença de um Mensagem na realização de suas construções.

Tendo justificado que, não é adequado chamar o verbo de *dicendi*, através da análise de poucos exemplos, ainda ressalto que o trabalho será importante para fonte de dados em pesquisas futuras.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical dos verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

COSTA VAL, Maria da Graça; VIEIRA, Martha Lourenço. *Produção de textos escritos: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

CULICOVER, Peter W.; JACKENDOFF, Ray S. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DAVIES, Mark; PRETO-BAY, Ana Maria Raposo. *A frequency dictionary of Portuguese*. New York: Routledge, 2008.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GOLDBERG, Adele Eva. *Constructions: a construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Chicago: Paperback, Oxford, 2006.

LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: Paperback, 1993.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Describing Verb Valency. Pratical and Theoretical Issues*. Cham, Switzerland: Springer New York, 2015.

\_\_\_\_\_. *Valency Dictionary of Brazilian Portuguese Verbs*: Dicionário das valências verbais do português brasileiro. Em elaboração.

\_\_\_\_\_; OTHERO, Gabriel. *Córpus, introspecção e o objeto da descrição gramatical*. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 35 n.59, p. 2-12, jul.-dez., 2010.

RUMELHART, David E.; ORTONY, Andrew. *The Representation of Knowledge in Memory*. University of California, San Diego, 1976.

SOUZA, Cristiane Ramos de. *Animacidade e papéis temáticos: um estudo experimental*. 2015. Dissertação (de Mestrado em Linguística). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2014.